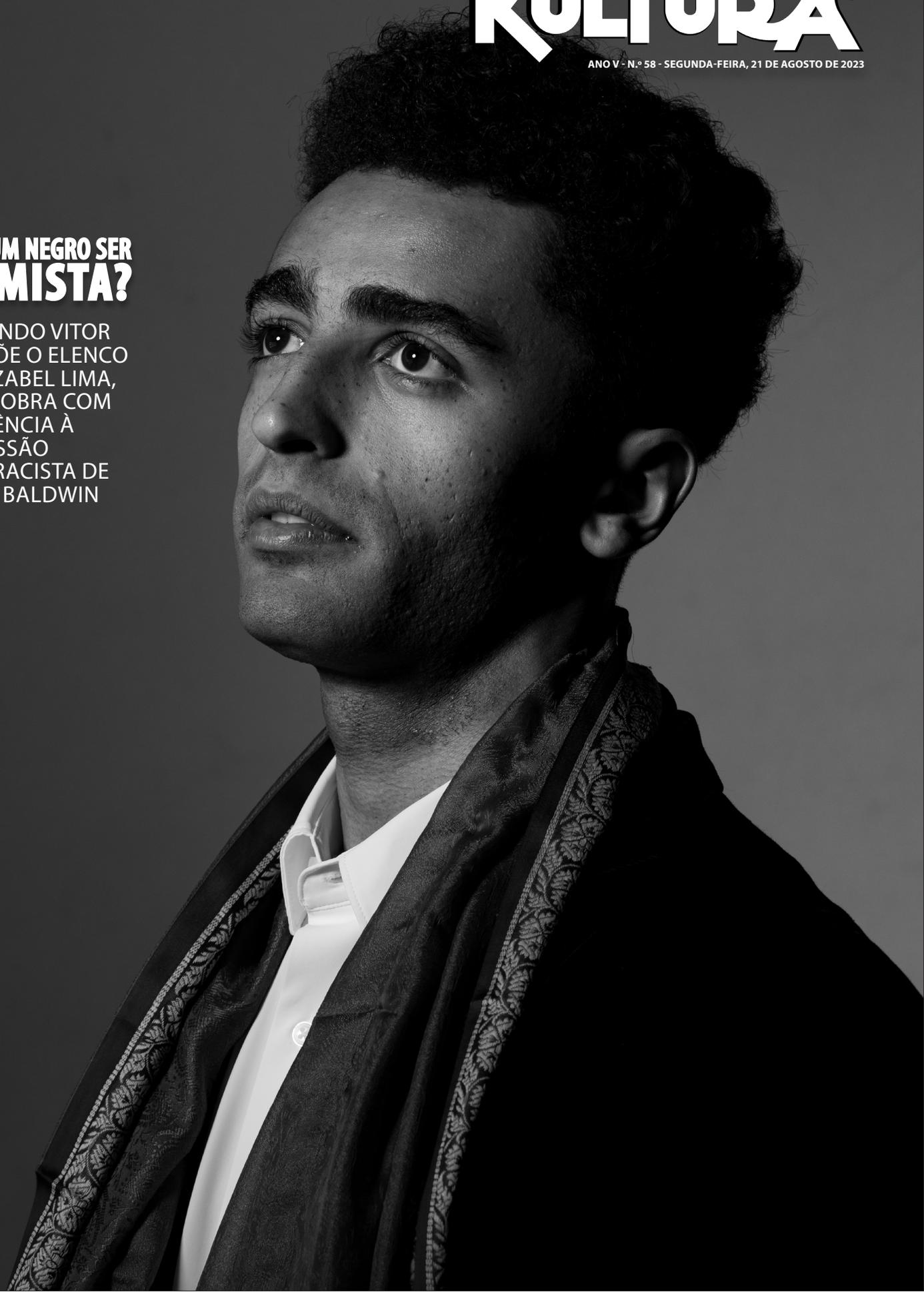


PODE UM NEGRO SER OTIMISTA?

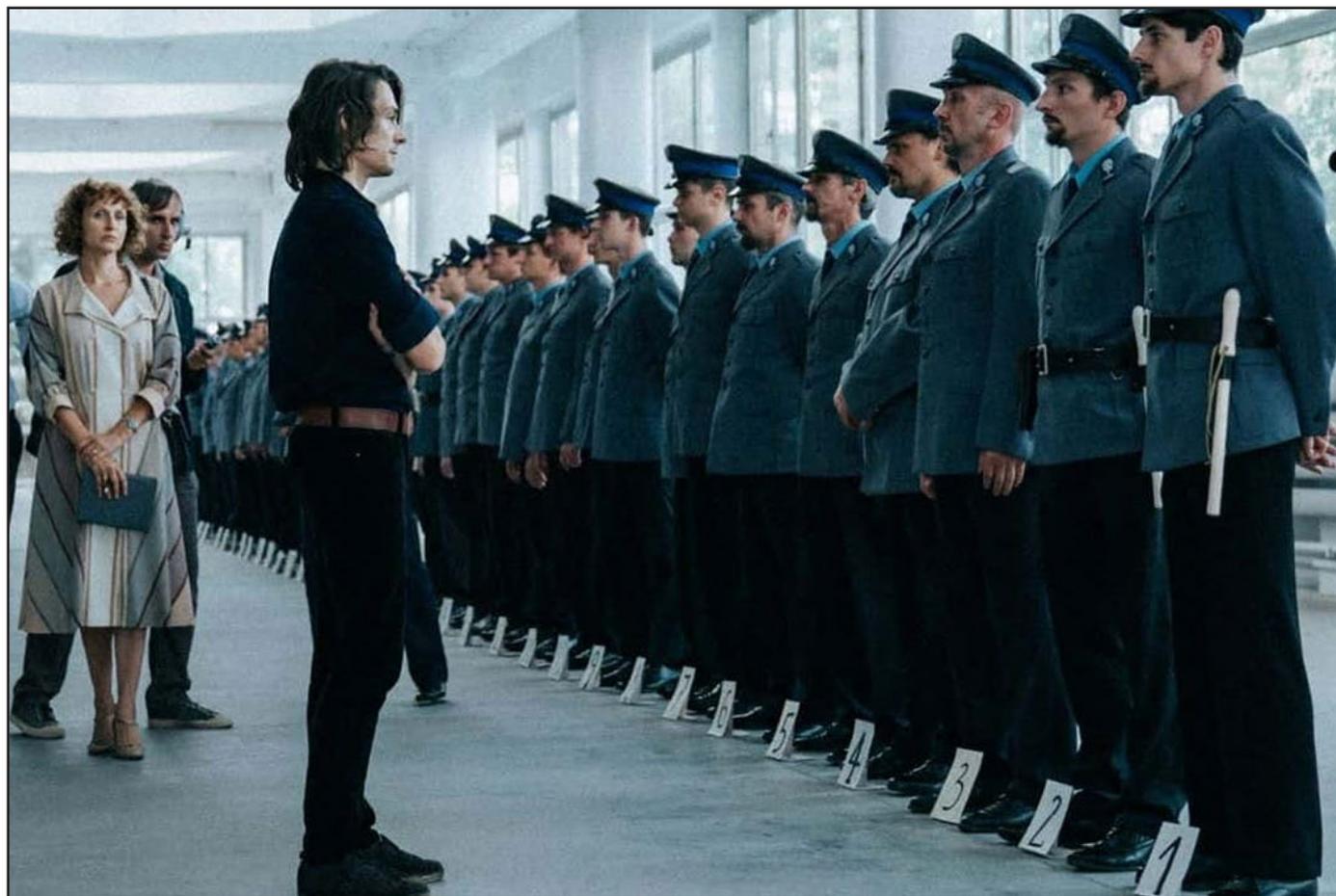
FERNANDO VITOR
COMPÕE O ELENCO
COM IZABEL LIMA,
NESTA OBRA COM
REFERÊNCIA À
DISCUSSÃO
ANTIRRACISTA DE
JAMES BALDWIN





SEO DITO

BAR GASTRONÔMICO



FILME SEM DEIXAR RASTROS

EM CARTAZ NO RESERVA CULTURAL - 16

CAPA- JAMES BALDWIN - 7

HANS GUNTER FLIEG - 13

L7 - 21

CAMILLO PROCACCINI - 26

KARNAK - 30

MECANO - 34

IBIRA - 35



KULTURA

Editor: Maurício Araújo

REVISTA KULTURA

Redação e publicidade:

Rua Luzia Brilha Campos, 110, Centro, Mairiporã/SP

11 4419-0642/ 99529-2619 / kultura@digitaltvmidia.com.br

Reportagem: Daiene Faro Editoração eletrônica: Beatriz Campos

Colaboradores: Italo Medeiros e Tarcílio de Souza Barros.

O GABINETE DOS DESINTERESSES E MEDIOCRIDADES

REDAÇÃO

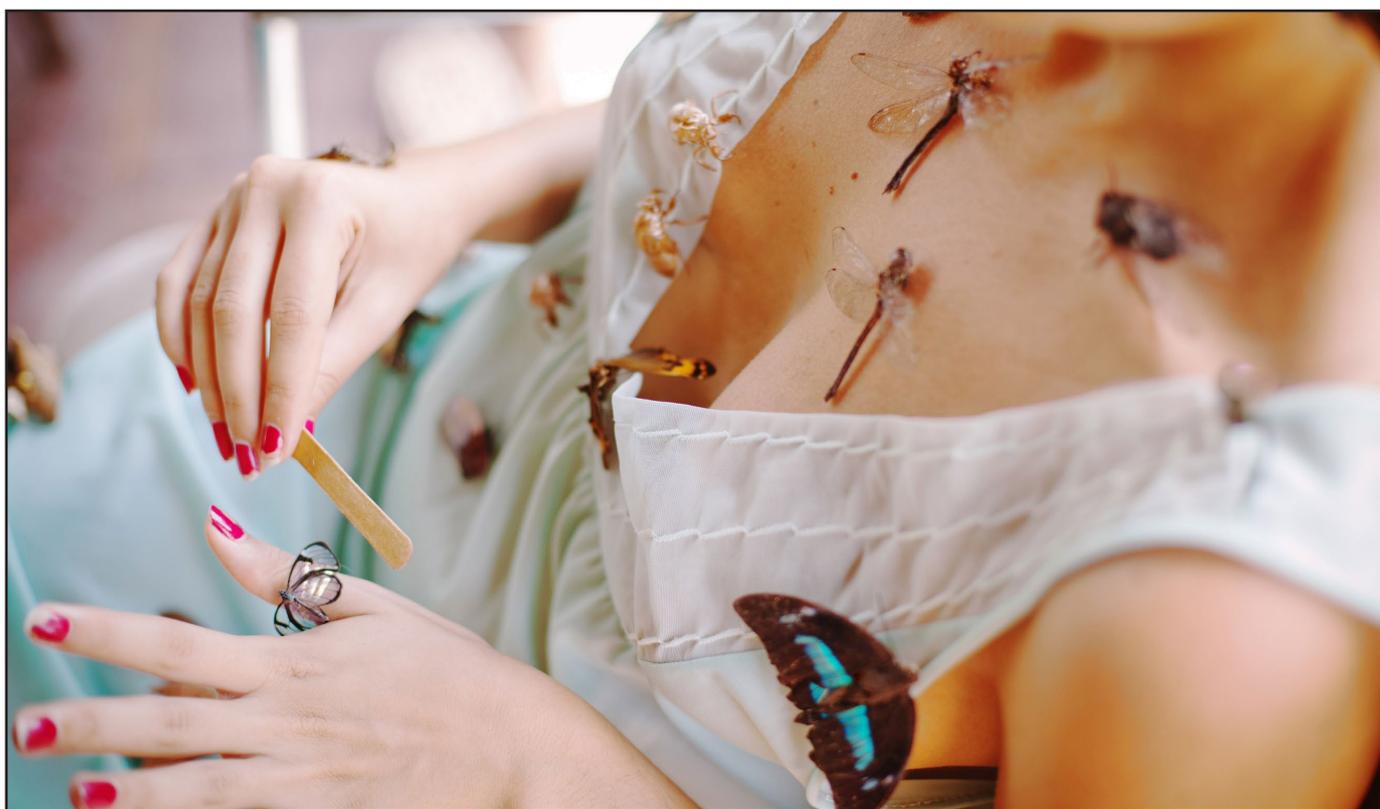


Foto: Andrea Lavezzaro

Consumismo, destruição, memória e afetividade são as forças norteadoras da exposição “O Gabinete dos Desinteresses e Mediocridades: Réquiem para o Antropoceno”, de Renato Bolelli Rebouças. A mostra, que ocupa a Funarte São Paulo entre os dias 29 de julho e 27 de agosto, com visitação diária, das 14h às 19h, une a um só tempo artes visuais, artes cênicas, arqueologia e sustentabilidade. No dia

19 de agosto, também acontecem performances com artistas convidados, das 14h às 18h.

Bolelli transita no cenário nacional e internacional em torno das artes cênicas, como cenógrafo, diretor de arte, figurinista, arquiteto, pesquisador e professor. Este ano, por exemplo, atuou como um dos curadores da 15ª Edição da Quadrienal de Praga - evento mundialmente conhecido que acontece a

cada quatro anos e traz destaques do design da performance, da cenografia e da arquitetura teatral para a linha de frente de atividades culturais - e o trabalho da equipe levou o prêmio de Best Team Working, pela representação do Brasil no evento.

“O Gabinete dos Desinteresses e Mediocridades: Réquiem para o Antropoceno”, em boa medida, costura essas atuações ao longo de sua trajetória:

ARTES PLÁSTICAS

começou há cerca de quinze anos, em viagens e apresentações no Brasil e fora do país, recolhendo objetos que chamavam sua atenção abandonados nas ruas, bem como restos de cenários, de figurinos e de adereços de projetos anteriores. Mais tarde, com a sistematização dessa catalogação dos objetos, transformou essa ação em pesquisa de seu doutorado, defendido no departamento de Artes Cênicas da USP, com a tese “Espaços e materiais residuais em potência performativa: Cenografia Expandida a partir do Sul”.

A exposição é um desdobramento deste trabalho iniciado há mais de uma década e apresenta uma série de instalações cenográficas multiculturais com materiais coletados em mais de trinta cidades de dez países, que ocupa as galerias Flávio de Carvalho e Mário Schenberg, da Funarte.

A mostra também liga outras duas percepções fundamentais na construção dessas instalações. De um

lado, a ação do homem no mundo, com o descarte de objetos. “A ideia é reduzir cada vez mais o consumo. Essa possibilidade de dar uma nova vida aos objetos, aos restos, sempre me tocou muito”, comenta. De outro, a colonização dos países do hemisfério sul. “Essa mostra é um desdobramento da minha pesquisa de doutorado. Por meio de uma perspectiva decolonial, minha intenção foi dar conta dessa produção proveniente do Sul do planeta. Fui percebendo as muitas semelhanças entre as nações latino-americanas, africanas e até asiáticas, como a Índia”, diz o artista.

Construção pela destruição

Para o artista, a existência de todos esses resíduos é um retrato da sociedade ocidental contemporânea, centrada no consumismo e na destruição constante. Mesmo assim, foi possível encontrar uma dimensão afetiva para a construção dessa espécie de Gabinete de Curiosidades e Maravilhas - espaços

criados a partir do século 17 na Europa que deram origem aos futuros museus de História Natural, as exposições de arte e os laboratórios científicos.

Esses gabinetes, também chamados de “Teatros do Mundo” (Theatrum MUNDUM), intensificaram o colecionismo e a catalogação das espécies de plantas, animais e minerais encontrados fora do continente europeu durante o período das Grandes Navegações. “Se, de um lado, tínhamos riqueza, suntuosidade e exuberância no continente europeu, de outro tínhamos a destruição progressiva dos territórios colonizados, em um processo constante de dizimação de povos, ecossistemas e espécies nativas”, reflete Bolelli.

Com isso em mente, o artista criou seu próprio gabinete dedicado às coisas descartadas. No entanto, as curiosidades foram convertidas em desinteresses e as maravilhas em mediocridades, formando um pequeno circo de horrores repleto de delicadeza

Foto: Beto Guilger



ARTES PLÁSTICAS

e poesia.

A exposição levanta questionamentos a respeito dos mais de 500 anos de exploração e destruição sistêmica dos países do sul global: afinal, como lidar com os destroços dessa devastação continuada? Sem se ater a apenas apresentar uma perspectiva negativa, o cenógrafo tem o objetivo de entender o que é possível avistar e construir a partir dos estilhaços dessas nações destruídas.

Teatro do mundo destróado

As peças coletadas nesses quinze anos pelo artista foram divididas em duas grandes categorias: Natural (Animal, Vegetal e Mineral) e Artificial (Papel, Tecido, Vidro, Cerâmica e Plástico). Para organizar esse acervo, o cenógrafo levou em consideração a potência performativa dos materiais.

As peças expostas são fragmentos de objetos e elementos naturais em diferentes estados de deterioração, como cacos de cerâmicas e vidros, pedaços de móveis, roupas e acessórios, utensílios domésticos e do cotidiano, latas, embalagens, restos de materiais industriais, fantasias de carnaval e painéis cenográficos, além de troncos, galhos, folhagens secas, carcaças e ossos de animais, penas e insetos. O acervo inclui peças inusitadas, como um aparelho de correção postural doado durante a pesquisa; cartazes de propaganda e uma série de latas amassadas coletadas em Manchester; terra e ossos encontrados na Serra do Curral em Minas Gerais. Guarda ainda algumas raridades, como um livro de teatro da década de 1910, uma fantasia de anjo que pertenceu a uma igreja e asas vermelhas de gafanhotos da Chapada

Diamantina.

Para além da exibição desse conjunto inusitado e único, foram montadas seis instalações com elementos inspirados nas maquinarias espetaculares utilizadas nas óperas barrocas. Esses elementos cenográficos serão ativados por performers durante a exibição da exposição.

Bolelli expõe um mundo de restos, dando forma a fantasmas e monstros de todas as espécies que assombram os seres humanos. Essas figuras habitam o fundo do mar, as águas, florestas e matas, o solo, o céu, e até o espaço, entulhando, poluindo e contaminando todos os ecossistemas.

Elementos sonoros, audiovisuais e de iluminação dão vida a esses seres, criando um teatro do mundo destróado. É como se cada instalação representasse um ato de um espetáculo. O projeto tem trilha sonora e desenho de som do dj e pesquisador da cultura afrodiáspórica Eugênio Lima, e video-performances criadas em parceria com artistas do Brasil, Inglaterra e Estados Unidos.

Ficha Técnica

Concepção, criação e expografia:
Renato Bolelli Rebouças

Trilha sonora e desenho de som:
Eugênio Lima

Assistentes de expografia e montagem:
Anísio Serafim e Vinícius Valério

Estagiárix de arte e montagem:
Allan Wallace Santos Silva, Dan Salas, Guilherme Santii, Julia Cristina Cordeiro, Julia Tavares Bispo, Lais Damato, Loh Goulart, Nicholas Cotrim, Wanessa Lemos

Consultoria de luz: Claudia de Bem

Montagem cenotécnica: Francisco

Mateus e Theo Moraes

Eletricista e montagem de luz:
Everton Keishi

Performers vídeos: Ahn Vo, Bukuritós Aruanda, Laura Fajngold, Lowri Evans, Lua, Marina Medeiros, Monalisa Silva, Raphael Vianna, Renato Bolelli Rebouças, Roberto Alencar, Simone Gatti

Fotografia E Montagem Vídeos:
Bukuritós Aruanda, Caio Brettas, Luiz Cruz, Renato Bolelli Rebouças

Edição vinhetas e vídeos dos monitores: Rafael Anastasi

Imagens: Andrea Lavezzaro, Acervo Usina da Alegria Planetária, Bukuritós Aruanda, Daraca, Renato Bolelli Rebouças

Trilha sonora vídeo de apresentação:
NU - Naked Universe

Realização: Renato Bolelli Rebouças + Plataforma UAP | Usina da Alegria Planetária

Assessoria de imprensa: Canal Aberto - Márcia Marques, Daniele Valério e Flávia Fontes

Apoio: FUNARTE (por meio da Chamada Pública para ocupação de espaços/ 1o semestre de 2023) + Laboratório de Práticas Performativas da USP

Serviço

O Gabinete dos Desinteresses e Mediocridades

Funarte São Paulo - Galerias Flávio de Carvalho e Mário Schenberg Endereço: Alameda Nothmann, 1058 - Campos Elíseos - São Paulo - SP

Abertura: 29 de julho de 2023, às 14h
Data: 29 de julho a 27 de agosto de 2023

Horário: Todos os dias da semana, das 14h às 19h

Entrada gratuita



Foto: Caio Oviedo

JAMES BALDWIN

REDAÇÃO

Grande referência na discussão antirracista, o romancista, ensaísta, dramaturgo, poeta e crítico social estadunidense James Baldwin (1924-1987) teve muita importância na rede de formação da intelectualidade negra nos Estados Unidos. Suas ideias reverberam até hoje e, por isso, os atores Iza-

bel Lima e Fernando Vitor se debruçaram sobre seus textos para criar o espetáculo James Baldwin – Pode um Negro Ser Otimista?, que estreia no dia 21 de agosto de 2023, às 19h em duas partes. No Auditório da Biblioteca Mário de Andrade (R. da Consolação, 94 - República) será apresentada a Parte 1 - É a Inocência que

Constitui o Crime com temporada até o dia 04 de setembro. Depois, na sala multiuso do Teatro Arthur Azevedo (Av. Paes de Barros, 955 - Alto da Mooca) entre 14 de setembro e 1º de outubro, serão apresentadas as duas partes - a Parte 1 mais a Parte 2: Será Preciso Salvar os Brancos? totalizando 20 sessões gratuitas.

Com direção de José Fernando Peixoto de Azevedo, o trabalho é uma das ações artísticas do projeto “Panorama Baldwin: Tinta Preta Para Escrever Sobre Um Mundo Esbranquiçado”, idealizado por Fernando Vitor e contemplado pela 3ª edição do Edital de Apoio à Cultura Negra na Cidade de São Paulo.

“Nossa intenção não é fazer um espetáculo sobre a vida do Baldwin e sim utilizar algumas entrevistas dele para refletir sobre a experiência negra no Brasil de hoje. Isso porque o sonho americano e a democracia racial brasileira estão cada vez mais parecidos, por conta da violência constante e da desumanização imposta pelo racismo e a homofobia. Assim, montamos uma espécie de conversa aberta com o público”, conta Azevedo.

Os artistas pesquisaram documentos e programas de televisão em que o intelectual participou, já que suas falas

tinham uma carga performativa muito forte. “Baldwin aproveitou a projeção midiática da TV e do cinema para fazer sua militância. E é esse seu ato de falar em público, que ora convoca e ora recusa a câmera, que norteia nosso jogo teatral”, detalha o diretor.

Embora não seja uma peça participativa, a intenção dos artistas desta montagem é realmente convocar as pessoas a refletir sobre os temas abordados. Para tanto, a ideia é que atores e espectadores ocupem o mesmo espaço.

Ao mesmo tempo, a encenação estabelece uma forte ligação com a câmera de vídeo, característica marcante do diretor. Como inspiração para a materialização do trabalho foi utilizado o documentário sobre o Baldwin “Eu Não Sou Seu Negro” (2017), de Raoul Peck. Dessa forma, além da constante presença da câmera, em alguns momentos, o elenco interage com as cenas do filme.

Há também uma dimensão geracio-

nal muito importante na construção da dramaturgia, já que a Izabel foi professora do Fernando Vitor e eles entraram em contato com o Baldwin em momentos distintos da vida. Assim, o fato de a produção dele reverberar em cada um de um jeito está explícito no texto.

Atualidade de James Baldwin

O objetivo de “James Baldwin – Pode um Negro Ser Otimista?” é entender como o pensamento desse intelectual repercute hoje no Brasil, mesmo ele tendo vivido em outro país em um período histórico diferente. “Seus escritos são tristemente atuais. Por isso, não quisemos fazer nada novo sobre ele e sim editar os seus materiais de maneira a representar nossas lutas atuais”, relata Fernando Vitor.

Um dos pilares de Baldwin é a defesa de uma consciência racial de nação. “Ele acredita que precisamos conhecer muito bem a nossa história se quisermos avan-

Foto: Caio Oviedo





Foto: Caio Oviedo

ços sociais e políticos. Então, ele sempre questionava se realmente refletíamos sobre o passado ou se não tínhamos esse tempo por precisarmos lidar com outras urgências”, afirma Izabel Lima.

Nesse mergulho pelos ideais do escritor, o trio considerou importante entender com quais pesquisadores(as) e autores(as) brasileiros(as) ele dialoga. Figuras como a ex-vereadora Marielle Franco (1979-2018) e a deputada federal Erika Hilton foram apontadas como detentoras desse legado, especialmente por suas projeções na mídia e seus posicionamentos relevantes no combate ao racismo e à LGBTfobia.

Para Peixoto, uma diferença relevante entre as vivências de Baldwin e o cenário brasileiro hoje é o envelhecimento da população negra. “Estamos conseguindo chegar aos 50 anos. Somos testemunhas e sobreviventes da história e podemos conviver e criar com os nossos jovens”, afirma.

Sinopse

digitaltvmidia.com.br/kultura
Segunda-feira, 21 de agosto de 2023

O espetáculo James Baldwin - Pode um negro ser otimista? parte da pesquisa sobre o pensamento crítico do autor afro-americano James Baldwin (1924 -1987) para refletir sobre o contexto político e social brasileiro a partir da ótica intelectual negra. O projeto faz parte do projeto PANORAMA BALDWIN: Tinta Preta para Escrever sobre um Mundo Esbranquiçado, contemplado pela 3.ª Edição do Edital de Apoio à Cultura Negra na Cidade de São Paulo.

Ficha Técnica

Dispositivo de cena e direção: José Fernando Peixoto de Azevedo

Elenco: Fernando Vitor e Izabel Lima
Direção Musical e Execução de Trilha:

Felinto

Assistência de direção e câmera: Alex Brito

Câmera e edição de imagem: André Voulgaris

Colaboração de Pesquisa: Márcio Macedo

Preparação Corporal: Tarina Quelho

Preparação Vocal: Caue Ferreira
Desenho de Luz: Denilson Marques
Operação de Luz: Afonso Costa
Mediação Pedagógica: Ronaldo Vitor da Silva

Programador visual: André Voulgaris
Fotografia: Caio Oviedo

Assessoria de Imprensa: Canal Aberto

Produção: Corpo Rastreado

Idealização de projeto e realização: Fernando Vitor

Serviço

James Baldwin - Pode um Negro Ser Otimista?

Classificação etária indicativa 16 anos
Biblioteca Mário de Andrade - Parte 1: É a Inocência que Constitui o Crime

Datas: 21, 22, 23 e 28 de agosto; 01, 02, 03 e 04 de setembro, às 19h

Endereço: R. da Consolação, 94 - República

Duração: 70 minutos

Ingresso: gratuito | Retirado com 1 hora de antecedência na bilheteria

Teatro Arthur Azevedo - Sala Multiuso - Parte 1: É a Inocência que Constitui o Crime e Parte 2: Será Preciso Salvar os Brancos?

Datas: 14 de setembro à 01 de outubro* ** - Quinta, Sexta, Sábado às 20h e Domingo às 18h

Endereço: Av. Paes de Barros, 955 - Alto da Mooca

Duração: 140 minutos (com intervalo)

Ingresso: gratuito | Retirado com 1 hora de antecedência na bilheteria

* no dia 21/9 não haverá sessão

** no dia 30/9 serão duas apresentações: às 17h e às 20h

Sessões com libras: 21, 28 e 4 de agosto, e 15, 22 e 29 de setembro

9.^a JORNADA DO PATRIMÔNIO

REDAÇÃO

Na 9.^a edição da Jornada do Patrimônio, celebrada no fim de semana dos dias 19 e 20 de agosto, Museus da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas oferecem entrada gratuita para todos os públicos e ampla programação.

Presenças Negras na Construção da Cidade de São Paulo é o título das duas visitas que o Núcleo Educativo do Museu da Língua Portuguesa vai oferecer durante a Jornada do Patrimônio. Pela manhã, das 11h às 12h, a ideia é iden-

Foto: Reprodução

tificar a presença negra em edificações no bairro da Luz e no prédio que atualmente abriga o Museu da Língua Portuguesa. Já à tarde, das 15h às 16h, serão apresentados ao público a trajetória e o trabalho do arquiteto Tebas, alcunha de Joaquim Pinto de Oliveira, um dos responsáveis pela construção de diversos espaços reconhecidos como patrimônio da cidade de São Paulo.

O Museu do Futebol promove um debate sobre futebol e política, que tem como um dos principais objetivos

analisar como o regime ditatorial utilizou a ideia do futebol-arte como instrumento ideológico de propaganda política do regime. O bate-papo acontece dia 19 de agosto, de 11h às 12h30, no auditório Armando Nogueira, com entrada gratuita.

Já o Museu de Arte Sacra de São Paulo convida os visitantes a caminharem pelo bairro da Luz, identificando o patrimônio cultural reconhecido nesse trajeto e conhecendo os espaços que fizeram parte do desenvolvimento dessa região. Quais são as memórias que esse





Foto: Reprodução

patrimônio suscita? Existem histórias que foram apagadas e podem ser recuperadas? Por meio de uma reflexão coletiva, todos esses pontos serão discutidos a fim de serem estabelecidas conexões com os habitantes da cidade.

No dia 19 de agosto, a partir das 14h, o Museu da Imigração celebra a Jornada do Patrimônio com apresentações da Orquestra Mundana Refugi, no jardim da instituição, contendo integrantes de diversos países do mundo e também a cantora Fanta Kanotê, natural de Guiné Conacri. No sábado, a entrada é gratuita para todos os visitantes.

Para falar das curiosidades e da importância do Palácio das Indústrias, prédio que abriga o Museu Catavento, será apresentado um roteiro guiado, no qual os visitantes poderão conhecer as histórias por trás da arquitetura imponente e os diversos usos do Palácio das Indústrias através das décadas. O passeio será realizado nos dias 19 e 20 de

agosto, às 10h30 e às 14h30.

Na Casa Mário de Andrade, no dia 19 de agosto, das 16h às 18h, o encontro “Patrimônio Paulista: Samba de Bumbo”, abordará a trajetória histórica do samba na cidade de São Paulo, desde as fazendas cafeeiras até as periferias do centro da capital. A atividade também tratará dos grupos tradicionais que realizam a manifestação do samba paulista, assim como a organização do dossiê de registro da manifestação, iniciado em 2019 pelo IPHAN. O evento será acessível na Língua Brasileira de Sinais.

CAPITAL

Casa Mário de Andrade

Patrimônio Paulista: Samba de Bumbo | O Samba de Bumbo: entre a capital e o interior paulista

O encontro abordará a trajetória histórica do samba na cidade de São Paulo, desde as fazendas cafeeiras até as periferias do centro da capital.

Formato: Online, por Zoom (inscrições aqui, até o dia 19/08 - link será enviado aos inscritos por e-mail)

Data: 19/08

Horário: das 16h às 18h

Museu da Língua Portuguesa

Presenças negras na construção da cidade de São Paulo

Será proposta uma visita que busque identificar essas presenças negras nas construções da cidade, em especial no bairro da Luz e no prédio que hoje abriga o Museu da Língua Portuguesa. No período da tarde, será apresentado ao público a trajetória e o trabalho do arquiteto Tebas (1727-1811), alcunha de Joaquim Pinto de Oliveira, um dos responsáveis pela construção de diversas edificações reconhecidas como patrimônio no triângulo histórico da cidade de São Paulo.

Formato: Presencial

Datas: 19/08 e 20/08

MUSEU

Horário: Das 11h às 12h e das 15h às 16h

Endereço: Praça da Luz, s/nº - Centro Histórico de São Paulo, São Paulo - SP

Museu do Futebol

Esquecimento e memória

A equipe do Núcleo Educativo abordará o tema com a intenção de discutir a importância de preservar a memória desse período e refletir sobre seu impacto no futebol e no Estádio do Pacaembu.

Formato: Presencial

Data: 19/08

Horário: 11h às 12h30

Endereço: Praça Charles Miller, s/n Estádio Paulo Machado de Carvalho – Pacaembu São Paulo/SP

Museu de Arte Sacra

Luz em Pauta - Patrimônio Cultural e Memória

A instituição promove uma caminhada no bairro da Luz, convidando os participantes a identificarem o patrimônio cultural reconhecido no trajeto.

Formato: Presencial

Data: 19/08

Horário: 10h e 14h

Endereço: Av. Tiradentes, 676 - Luz, São Paulo - SP

Museu Catavento

Visita Histórica pelo Palácio das Indústrias

Guiados por um de nossos monitores, os visitantes poderão conhecer as histórias por trás da arquitetura imponente e os diversos usos do Palácio das Indústrias através das décadas.

Formato: Presencial

Datas: 19/08 e 20/08

Horário: 10h30 e 14h30

Endereço: Avenida Mercúrio, Parque Dom Pedro II, s/n, São Paulo - SP

Museu da Imigração

Apresentações Musicais no Jardim

Apresentações da Orquestra Municipal de Refugiados, com integrantes de diversos países do mundo, e da cantora Fanta Kanotê, natural de Guiné Conacri estão previstas para a tarde de sábado.

Formato: Presencial

Data: 19/08

Horário: 14h

Endereço: R. Visc. de Parnaíba, 1316 - Mooca, São Paulo - SP

Museu da Imigração

Como parte integrante da Jornada do Patrimônio 2023, promovida pela Secretaria Municipal de Cultura, o Museu da Imigração recebe a palestra "A Mooca dos Operários: Uma breve história de suas fábricas, vilas e trabalhadores", ministrada pela professora, arquiteta e urbanista Fabiane Savino.

Formato: Presencial

Data: 19/08

Horário: 14h30

Endereço: R. Visc. de Parnaíba, 1316 - Mooca, São Paulo - SP

Memorial da Resistência

Visitas ao Deops/SP

O Memorial da Resistência promove visitas mediadas com foco no eixo patrimonial ao antigo prédio do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops/SP), hoje ocupado pelo museu.

Formato: Presencial

Datas: 19/08 e 20/08

Horário: 10h30 e 14h30

Endereço: Largo General Osório, 66 - Santa Ifigênia, São Paulo - SP

Museu das Culturas Indígenas

Jornada do Patrimônio no MCI

Como apoio à Jornada do Patrimônio

2023, nos dias 19 e 20 de agosto, o ingresso será gratuito no MCI.

Formato: Presencial

Data: 17/08

Horário: das 9h às 18h

Endereço: R. Dona Germaine Burchard, 451 - Água Branca, São Paulo/SP

Museu da Diversidade Sexual

Jornada do Patrimônio 2023

O Núcleo de Educação do Museu da Diversidade Sexual, promove todo mês ações no território central de São Paulo em busca de descobrir e redescobrir memórias deste espaço a partir de pesquisas sobre a comunidade LGBTI+.

Formato: Presencial

Data: 19/08

Horário: 14h

Endereço: Ponto de encontro Novo Espaço - Av. São Luiz Nº 130 - República

INTERIOR

Museu Casa de Portinari

Encontro de Patrimônio "Uma casa para permanecer no tempo, guardar memórias e contar histórias"

O Patrimônio Histórico material e imaterial, o legado, desafios e especificidades de um Museu Casa, são pautas do encontro, com o arquiteto José Antônio Lanchotti, o conservador e restaurador Júlio Moraes e o Prof. Dr. Percival Tirapeli. O Museu Casa de Portinari é tombado pelo IPHAN, com inserção no Livro de Tombo de História e de Belas Artes. O imóvel foi desapropriado e adquirido pelo Governo do Estado de São Paulo e tombado pelo Condephaat.

Formato: Presencial

Data: 17/08 a 19/08

Horário: 9h

Endereço: Galpão das Artes - Rua: João Brisotti, nº 128 - Centro - Brodowski/SP.

HANS GUNTER FLIEG

REDAÇÃO

Um dos principais nomes da fotografia brasileira, Hans Gunter Flieg (1923) atuou nas áreas da indústria, da publicidade e da arquitetura. Suas imagens documentam o desenvolvimento industrial e a verticalização do país, em especial da cidade de São Paulo, a partir da década de 1940. Em fotos com grande nível de elaboração técnica, registrou

instalações industriais, máquinas, edifícios e objetos, tensionando as fronteiras entre a objetividade da fotografia documental e o rigor formal.

Em homenagem à sua obra e ao seu centenário, completado neste ano, o IMS Paulista inaugura, em 22 de agosto (terça-feira), às 18h, a exposição Flieg. Tudo que é sólido. Com entrada gratuita, a

mostra revê a carreira do fotógrafo, cujo acervo está sob a guarda do IMS desde 2006. A seleção reúne cerca de 180 imagens, dois vídeos, além de itens como câmeras e álbuns. A curadoria é de Sergio Burgi, coordenador de fotografia do IMS, com assistência de Mariana Newlands. Na abertura (22/8), às 18h, haverá uma fala do curador, apresentando a

Foto: Hans Gunter Flieg/IMS



Equipamentos e instalações
Elétricas Industriais Brown Boveri,
Osasco - SP, 1961



Cobertura do ginásio do Ibirapuera, com placas de alumínio. São Paulo, c. 1955

Foto: Hans Gunter Flieg/IMS mostra.

A trajetória de Flieg se mistura, em dois continentes, à história do século XX. O fotógrafo nasceu em 1923 na cidade de Chemnitz, na Alemanha, numa família judia de classe média. Em 1939, Flieg estuda fotografia em Berlim com Grete Karplus, profissional vinculada ao Museu Judaico da cidade, fechado pelos nazistas. No mesmo ano, sua família migra para o Brasil para escapar da perseguição aos judeus. A família se estabelece em São Paulo e, a partir de 1945, Flieg inicia sua trajetória como fotógrafo profissional, realizando sobretudo trabalhos para empresas.

Flieg fotografou para companhias como Willys-Overland, Mercedes-Benz e Marcas Famosas S/A, pioneiras da in-

dústria automobilística no Brasil. Prestou serviços ainda para grandes agências de publicidade do período, como Standard e Thompson. Além do trabalho em empresas comerciais, atuou como fotógrafo oficial da 1ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo, em 1951, e documentou a construção da sede do Masp na Avenida Paulista, na década de 1960.

A mostra é dividida em três núcleos. O primeiro traz imagens de arquitetura industrial, com registros de grandes obras, como a construção do ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, em 1955, e a das usinas hidrelétricas de Jupia e Ilha Solteira. Também há fotos da Fábrica da Duchon, em Guarulhos, projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, em 1954, entre outras.

O segundo traz imagens feitas no interior de fábricas, com foco no maquinário. Apesar de voltadas para fins comerciais, as imagens destacam os aspectos escultóricos desses equipamentos industriais, suas linhas e formas. O curador comenta os registros: “O trabalho de Flieg foi profundamente influenciado pela modernidade europeia, aliando o domínio na elaboração formal da imagem fotográfica ao absoluto controle da iluminação, da exposição e do processamento da película. Com alto rigor formal, sua fotografia de indústria permite igualmente que estruturas, equipamentos e objetos industriais registrados de maneira objetiva e direta conduzam, em muitos casos, a imagens de forte viés abstrato, ampliando e atualizando

EXPO

a relevância da produção do fotógrafo no âmbito da fotografia moderna e contemporânea no Brasil”.

No terceiro e último núcleo, o público encontra imagens de produtos tiradas para os mercados publicitário e artístico, com o objetivo de ilustrar catálogos e anúncios de jornais. Há, por exemplo, fotos de pneus, máquinas de escrever, calculadoras, jogos de ferramentas e mobiliários. Também é possível encontrar registros dos cavaletes de vidro idealizados por Lina Bo Bardi, clicados quando o fotógrafo registrou a abertura do Masp, e fotos da escultura Unidade tripartida, de Max Bill, vencedora do prêmio de escultura na 1ª Bienal de São Paulo em 1951. São imagens feitas de forma meticulosa, com contrastes de luz e sombra, com o objetivo de evidenciar as qualidades de cada objeto. Em entrevista concedida em 2014 ao IMS, o fotógrafo enfatiza: “A importância é mostrar o produto da melhor forma possível. O que você tem que fazer tem que ser bem-feito”.

Em cartaz até janeiro de 2024, a exposição também proporciona reflexões sobre as transformações sociais em curso hoje, tanto na esfera do trabalho quanto das artes, como pontua Burgi: “A releitura do acervo de Flieg no ano em que o fotógrafo completa 100 anos, agora que estamos na terceira década do século XXI – caracterizado pela construção da sociedade do conhecimento e da informação em oposição à sociedade industrial de meados do século passado –, permite que sua obra seja interpretada dentro de novas perspectivas”.

Ainda sobre o tema, o curador complementa: “O olhar que nos oferece Flieg sobre uma sociedade industrial que se quis e se fez moderna na São Paulo do pós-guerra, sem romper entretanto com os mecanismos de reificação, alienação

e poder de seu tempo, nos leva a refletir agora, décadas depois, sobre uma sociedade pós-industrial igualmente imersa em profundas e radicais transformações e contradições, onde mais uma vez tudo que é sólido desmancha no ar”.

Serviço

Flieg. Tudo que é sólido

Inauguração: 22 de agosto, às 18h, com fala de Sergio Burgi

Visitação: de 23 de agosto de 2023 a 28 de janeiro de 2024

Onde: 6.º andar do IMS Paulista | Avenida Paulista, 2424, São Paulo, SP

Horário de funcionamento: Terça a domingo e feriados (exceto segundas), das 10h às 20h

Foto: Hans Gunter Flieg/IMS



Jogo de ferramentas Heinz, São Paulo, c. 1965

RESERVA

CULTURAL

PRÉ-ESTREIA DA SEMANA

De 17 a 23/Agosto



SEM DEIXAR RASTROS

20h50 . Somente sábado (Dia 19)

RESERVA
CULTURAL

VEJA PROGRAMAÇÃO COMPLETA www.reservacultural.com.br

A VIDA DE BRIAN

GABRIEL CARVALHO

Monty Python é, indiscutivelmente, um dos maiores grupos de comédia da história. Tal intitulação, extremamente respeitada, percorre diversas habilidades, reveladas, primeiramente, na televisão, local onde o grupo criou e estrelou Monty Python's Flying Circus. No cinema, porém, a turma alcançou status ainda mais grandiosos, talvez imbatíveis. Não apenas o primeiro

dos seus filmes é considerado um dos melhores do gênero da comédia – no caso, Monty Python em Busca do Cálice Sagrado – como o segundo, A Vida de Brian, também recebe alcunhas similares, sendo lançado 10 anos depois da estreia do, já citado anteriormente, seriado composto por esquetes. Se a primeira obra cinematográfica do grupo era uma sátira da história do Rei

Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda, A Vida de Brian tem seu argumento baseado na época em que Jesus viveu, acabando por satirizar diversas passagens bíblicas, embora não confronte a figura religiosa de Cristo individualmente.

Eric Idle, membro da trupe, em resposta ao porquê do filme não brincar com esta imagem sagrada em especifi-

Foto: Reprodução



co, apontou: “ele não é particularmente engraçado, o que ele fala não é motivo de piada, são coisas muito decentes”. Ao incorporarmos essa linha de raciocínio no longa-metragem, a escolha por uma presença reduzida da figura máxima do cristianismo transforma-se em um pequeno demérito, oriundo de certa incoerência, visto que, no início da obra, Jesus é bastante referenciado, com direito a uma aparição física, representado pelo ator Kenneth Colley. Todavia, o personagem termina sendo deixado de lado, sem retornar para a narrativa e sem recriar os mesmos contrastes de antes. De qualquer forma, embora possa estes pesares iniciais, comparando-se com *Em Busca do Cálice Sagrado*, *A Vida de Brian* é uma produção realmente corajosa; não necessariamente mais genial que a anterior, mas certamente mais polêmica. “Um filme tão engraçado que foi proibido na Noruega”, dizia cartaz sueco.

Em primeiro lugar, o filme nos possibilita acompanhar a história do menino Brian, interpretado por Graham Chapman, a qual começa paralelamente a de Jesus, visto que ambos nascem no mesmo dia, sob as mesmas estrelas e o mesmo luar. Os três reis magos então surgem em cena, confundindo o bebê de Mandy (Terry Jones, em interpretação maravilhosa) com o filho de Deus, que também acabara de ter nascido, mas em um estábulo a poucos metros de distância daquele. Dali em diante, o grupo Monty Python torna-se o nosso guia nessa hilariante jornada, conduzindo-nos do nascimento do menino a sua derradeira morte. A vida de Brian, espaço ocupado entre esses dois extremos, é protagonizada pelas mais diferentes personalidades, muitas destas a servir

como crítica, na criação de arquétipos, de aspectos da sociedade. A obra estampava diversas das contradições sociais da época; refletidas, invariavelmente, no presente – uma espécie de metamorfose imutável, traduzida com muito humor pelo grupo.

Dada a presença dos reis magos, evidencia-se na mãe de Brian, interessada no ouro trazido pelos sábios homens, uma ganância, transmitida ao público de uma forma realmente cômica; nesse ponto em específico, até crível. Da mesma maneira, em outras construções, diferentes caracterizações para diferentes personagens são atribuídas a partir de piadas. O povo da Judeia, aliás, é outro coadjuvante desse cenário, visto que, em inúmeras passagens, promove-se uma cutucada, por parte da trupe de comédia, às correntes de convenções postas pelos homens em seus próprios pés. Em cena impagável, um mercador, interpretado por Idle, se recusa a realizar uma venda a Brian, porque o protagonista ousou pagar o preço integral pelo produto, enquanto deveria ter, como de costume, barganhado. Agora nada crível, o exagero, além de apontar para algum lugar da realidade, ainda é parte de um dos lados mais inspirados do grupo: o nonsense.

A Vida de Brian, dessa forma, é transformada pelos seus responsáveis em uma comédia que sabe mesclar todas as vertentes mais aguçadas do grupo. Uma obra com tanto potencial que George Harrison, ex-integrante dos Beatles, a financiou na época, com o mero intuito de vê-la se tornar realidade, levando-a para as telas dos cinemas que se permitiram exibir uma obra tão controversa quanto essa. Sendo assim, observa-se, no resultado, um vi-

sível orçamento mais encorpado que o de *Em Busca do Cálice Sagrado*. As construções são maiores, os cenários mais ricos e a quantidade de figurantes aumentada exponencialmente, vide o momento que reencena o Sermão da Montanha, importante discurso de Cristo. Da Bíblia Sagrada, Pôncio Pilatos é o único personagem que ganha um papel significativo nesta trama, sendo incorporado por Michael Palin, em ótima forma, moldando a voz de uma maneira peculiar. A interpretação do ator torna-se a piada por si só, mesmo que aliada a outros adereços humorísticos.

No caso de Pilatos, o humor não precisa necessariamente de um embasamento social. Monty Python sabe a hora certa de ser mais infantil, colocando o povo e o espectador para rir, incessantemente, mas com naturalidade, do nome de um dos amigos mais próximos do governador – Biggus Dickus, um dos poucos outros personagens que também ganham vida no corpo de Graham Chapman. As icônicas performances vão além, adentrando a obscuridade de frentes populares, as quais, apesar de lutarem por ideais parecidos, se diminuem ao preferirem mais a separação do que a união. Qual seria a real diferença da Frente Popular da Judeia para a Frente Popular Judaica? Qual é o real intuito dessa revolução, se nem ao menos os rebeldes entendem pelo que lutam? Sabemos que não é porque os romanos nada fizeram por eles – não esqueçam do aqueduto e do saneamento básico. O público irá rir de todas essas piadas, com gargalhadas ou não, mas a genialidade também vai além do simples âmbito lúdico.

Caminhando por essa via, também é possível aproximarmos a figura de Brian com a de Jesus Cristo, comparan-



Foto: Reprodução

do-nas, ao passo que a do protagonista do filme assume uma posição cética, completamente descrente, emulando frases de outros numa tentativa de disfarçar sua real natureza, mas ganhando os créditos e os seguidores apesar disso. Em uma das viradas do filme, o personagem acaba sendo aclamado pelo povo como o Messias, perseguido por uma quantidade enorme de pessoas, fiéis automáticos. Contudo, o envolvimento de Brian com uma dessas organizações rebeldes destinadas a combater Roma com todas suas forças, princípio de toda essa confusão, não se dá por qualquer chamado ao dever, heroísmo ou altruísmo. Afinal, Brian se une à Frente Popular da Judeia mediante seu mero interesse em uma das participantes, Judith (Sue Jones-Davies). Como diria a mãe de Brian, inesquecível personagem de Terry Jones, “ele não é o Messias, ele é um garoto safado”.

Toda a jornada do personagem é de fuga, seja de soldados romanos, seja de fanáticos religiosos; o intuito é a separação de qualquer responsabilidade maior, desconstruindo-se, assim, o significado de “herói”. Na trajetória percorrida, Monty Python escancara de vez a facilidade que as pessoas têm em seguir falsos líderes. São dogmáticos, incapazes de serem contrariados, mesmo quando o próprio líder, a figura de admiração, assume posição contrária àquela do senso comum. A Vida de Brian, nesse sentido, é uma produção bastante atemporal, mais séria e afiada que a anterior, especialmente no seu final. Com bastante humor, chegando no ápice de toda essa jornada do herói colocada de cabeça para baixo, Reg (John Cleese) e os demais participantes da Frente Popular da Judeia permitem, de certa forma, que o protagonista seja, enfim, crucificado. Tudo pelo bem da causa, visto que a criação de mártires é

um dos sustentáculos de ideais longevos. A conclusão é encaminhada.

Sob um último plano de análise, o roteiro também acerta no desenrolar da narrativa, sabendo amarrar algumas das tiradas cômicas com outras posteriores. Em *Busca do Cálice Sagrado* tinha seu caráter episódico, mas que funcionava, enquanto essa produção segue um raciocínio de causa e consequência mais evidente. Mais tarde, *O Sentido da Vida*, último longa-metragem do grupo, iria explorar a estrutura segmentada em toda a sua glória, buscando possibilidades em uma narrativa não-tradicional, mais similar ao formato da série televisiva. As produções cinematográficas de Monty Python, dessa forma, mostram-se únicas, renovando-se em corpo e conteúdo. A exemplificar esse ponto de costura, uma certa piada, durante o clímax da obra, relacionada com a maneira exótica de Pôncio pronunciar – ou não



Foto: Reprodução

saber pronunciar – determinada consoante, dá margem a uma decisão narrativa que, mais para frente, se subverte completamente na resolução épica do filme.

A repetição situacional, por outro lado, é um aspecto da trama evidentemente problemático, visto que Brian há de recorrer a fugas concretas, perseguido incessantemente por soldados romanos, mais de uma vez no enredo. Mostra-se, portanto, certa estagnação do grupo em relação a renovação da narrativa dentro da própria. Apesar disso, um pequeno desvio em um mar de acertos, mas que não chegou a ser dividido ao meio, retornamos ao final dessa jornada hilária – e também trágica. As perseguições acabaram, e Brian já foi libertado dessas amarras. Mas qual Brian? Brian e a mulher dele que também se chama Brian? Quem seria o Brian certo, o verdadeiro? A realidade é que qualquer um daqueles homens

condenados a morrer poderia ser o protagonista. A grande concentração de coisas, piadas e objetos permite a desmitificação de muitas das crenças mundanas. A Vida de Brian desconstrói, para permitir o público construir por ele mesmo.

A ideia de lideranças falsas já fora estabelecida, criadas por aqueles no poder, ou até mesmo por aqueles que não estão, mas anseiam por algo a acreditar, nem que seja em milagres inexistentes. A mãe chora pelo filho vagabundo, e a mocinha pelo sacrifício do amante. O nonsense mescla-se com uma tragédia ímpar. O mundo está tão perdido quanto a vida de Brian, mas isso apenas é notável quando olhamos por um lado desta moeda irônica e não pelo iluminado. Que bom que os noruegueses não assistiram a esse filme. Ninguém mais o persegue, por fim, mas a prisão tomou a sombra de uma cruz, imagem sagrada que é intencionalmente ba-

nalizada nesse filme; várias cruces, indiferentes às pessoas pregadas nelas. Nenhuma multidão para ver o mártir morrer. A ironia encontra espaço propício na canção, outro dos pontos fortes do grupo. Crucificação ou liberdade? Esquece isso, vamos rir, assobiar e olhar pelo lado bom da vida. Isto ajudará as coisas a mudarem para melhor.

Serviço

A Vida de Brian (Life of Brian) – Reino Unido, 1979

Direção: Terry Jones

Roteiro: Monty Python

Elenco: Graham Chapman, John Cleese, Terry Gilliam, Eric Idle, Terry Jones, Michael Palin, Terence Bayler, Carol Cleveland, Kenneth Colley, Neil Innes, John Young, Gwen Taylor, Sue Jones-Davies, George Harrison

Duração: 93 min.

Fonte: planocritico.com/critica-a-vida-de-brian/

L7

REDAÇÃO

Pioneiras do movimento feminista norte-americano no punk/grunge e do Riot grrrl lá no início da década de 1990, e detentoras de uma das sonoridades mais autênticas do rock, o L7 está de volta ao Brasil em outubro, com show em São Paulo marcado para 20/10 no Carioca Club. A apresentação será um best of, com sucessos de toda a carreira.

O show do L7 em São Paulo é uma realização da Maraty, que este ano ainda traz Black Flag, Hermanos Gutiérrez e outras atrações a serem anunciadas, com produção da Powerline. A abertura será duas bandas clássicas do punk rock nacional: Cólera e As Mercenárias.

O L7 está de volta em plena atividade desde 2014, após um hiato de 14 anos. A banda se mostra revigorada e tocando ao redor do globo com explosivos shows sold-out.

O quarteto de Los Angeles, à época comparada à versão feminina do Nir-

vana, foi uma das mais reverenciadas bandas no antológico Hollywood Rock de 1993, num show que até hoje é lembrado pela legião de fãs brasileiros.

Desde que gravaram o primeiro disco em 1987, dois anos após a formação da banda, o L7 contabiliza seis discos de estúdio, três registros ao vivo, um disco de covers, entre um monte de hits que tocaram – e tocam – à exaustão pelas rádios de todo o mundo, lançados por grandes gravadoras como Epitaph, Sub Pop, Slash Records e Warner. O L7 também ganhou relevância nos anos 90 devido às letras das músicas, como defesa das liberdades civis e feminismo.

Após o retorno, Donita Sparks (guitarra/vocal), Suzi Gardner (guitarra/vocal), Dee Plakas (bateria) e Jennifer Finch (baixo) já lançaram algumas músicas, como 'I come back to bitch' (que ganhou um videoclipe com ares de produção caseira, no melhor espírito grunge noventista), e 'Dispatch from

Mar-a-Lago'.

"Bricks are Heavy", o terceiro disco da carreira, e um dos registros mais importantes dos anos 90 para o rock, impulsionou o quarteto ao estrelato mundial, foi considerado pela edição norte-americana da revista Rolling Stone como um dos 100 discos "indispensáveis" dos anos 90. É neste registro que gravaram o hit 'Pretend We're dead', um sucesso comercial que ultrapassou as barreiras do rock e levou a banda a outros públicos, do pop ao metal.

Serviço

L7 em São Paulo

Quando: Sexta-feira, 20 de Outubro de 2023

Abertura: 19:00

Onde: Carioca Club Pinheiros | Rua Cardeal Arcoverde, 2899 - Pinheiros - São Paulo, SP

Classificação etária: +18

Ingressos: clubedoingresso.com/



An aerial photograph showing a coastal town with numerous houses and buildings nestled at the base of a large, forested hill. A multi-lane highway curves through the green landscape, with several vehicles visible. In the background, a large body of water is visible under a clear sky. A large teal graphic element is overlaid on the left side of the image.

A Arteris está de cara nova

E sempre em
movimento

CONTE COM NOSSO TIME PARA CUIDAR

Do seu Negócio



ÊXITO

(11) 4419-0951

"O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?"

Não proteger a infância
é censurar o futuro.



MPT

Ministério Público do Trabalho

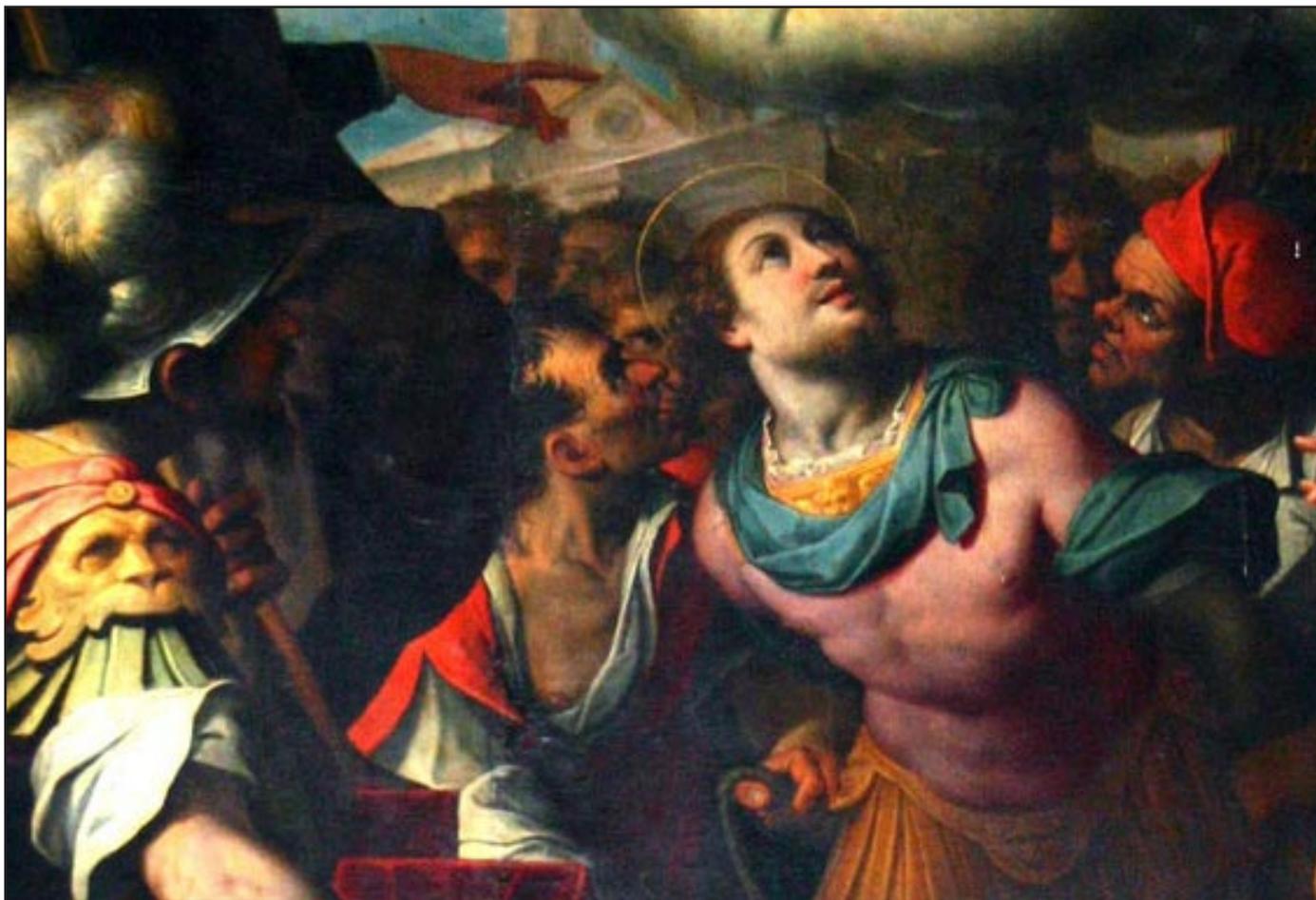


Foto: Divulgação

CAMILLO PROCACCINI

REDAÇÃO

O pintor Camillo Procaccini nasceu no ano de 1561 em Parma e faleceu no dia vinte e um do mês de agosto do ano de 1629 em Milão. Mostrou seu talento para pintura ainda muito jovem e quando começou a pintar suas primeiras obras já mostravam técnicas perfeitas como os afrescos feitos no ano de 1587 na igreja de San Prospero em Reggio

Emilia.

No ano de 1605 iniciou os afrescos da nave e do abside da catedral de Piacenza feita juntamente com Ludovico Carracci, obra que somente ficou pronta no ano de 1609. Depois disso pintou no ano de 1625 os afrescos do tempo e do coro feitos na Igreja de Santos Paulo e Barnabé que fica

em Milão. Suas pinturas eram maravilhosas e foram consideradas uma das melhores da época. Em Milão pintou uma Senhora da Assunção e uma crucificação que foi considerada as melhores pinturas do artista. Muitas foram suas obras e após sua morte ficaram em museus para enriquecer a arte.



CONTORNOS DO (IN)VISÍVEL

REDAÇÃO

A tela *A Redenção* de Cam, datada de 1895, é uma das obras mais conhecidas de Modesto Brocos y Gómez em função dos debates que suscitou a respeito do pensamento científico racial brasileiro na Primeira República. Tatiana Lotierzo aborda neste livro diferentes níveis de reflexão engendrados pelo quadro, relacionados ao problema do preconceito e também sobre a consolidação de um marco de pensamento que embasa e exprime a constituição da branquitude no Brasil. Para a autora, o quadro propõe um modelo de reflexão pictográfica sobre o embranquecimento, procurando demonstrar uma tese acerca do tema, convertendo-se em interessante objeto de estudo para auferir o peso da dimensão estética na conformação do preconceito racial e do racismo.

Serviço

Autora: Tatiana Lotierzo

ISBN 13: 9786557851197

Peso: 0,594 kg

Ano: 2023

Páginas: 304

Formato: 18 x 25 cm

Editora: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo

Preço: R\$ 80,00

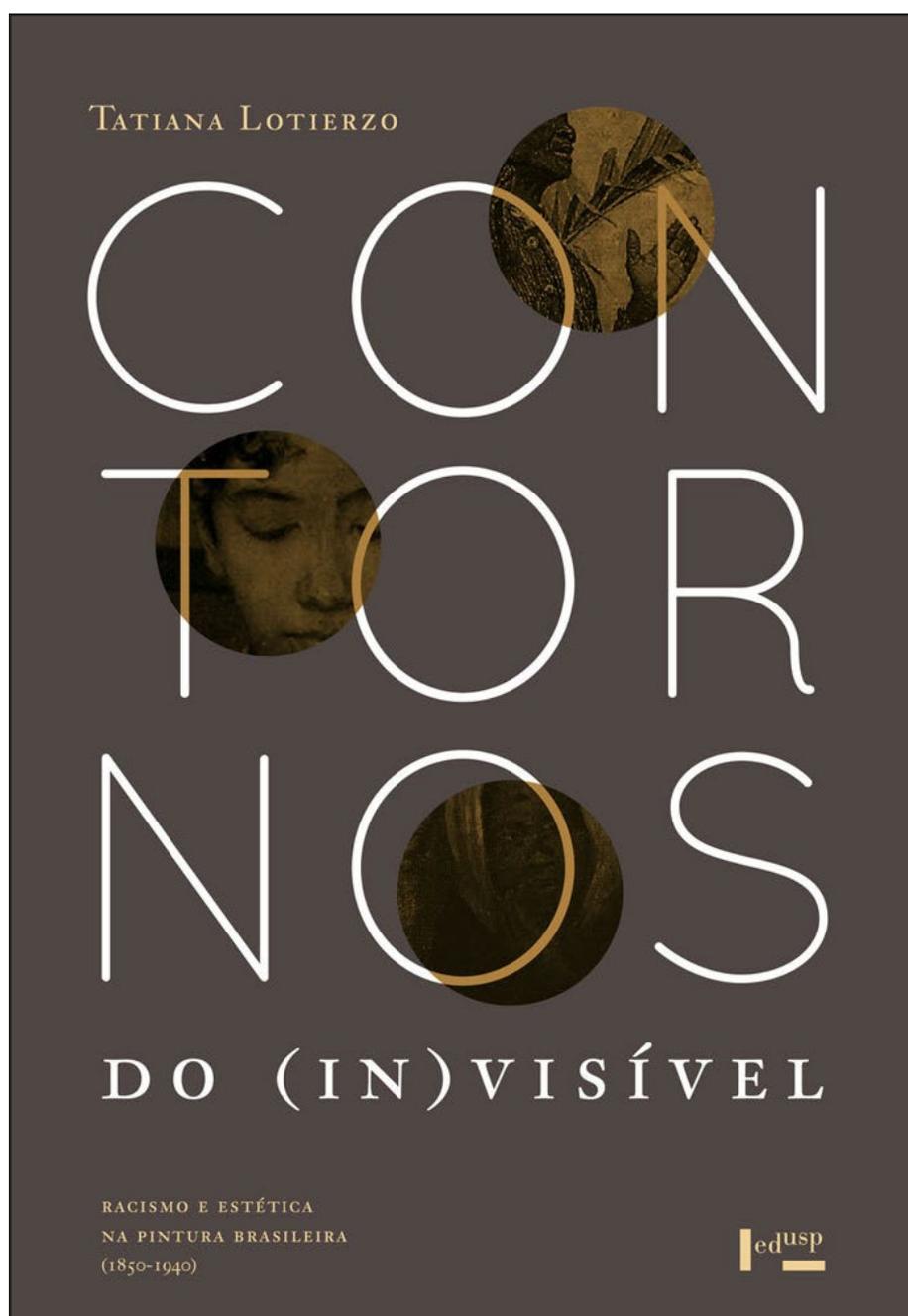


Foto: Reprodução

TRUPE

CHÁ DE BOLDO

REDAÇÃO

Três anos após o lançamento de seu último trabalho, “Viva Lina”, a banda paulistana Trupe Chá de Bol-do lança em junho de 2023 o álbum “Rua Rio”. Concebido durante a pandemia, em um processo inicialmente virtual e posteriormente presencial, o álbum reflete um novo momen-

to não só do mundo, mas da própria banda, que completa 17 anos de trajetória.

Mesmo não sendo um disco temático, pode-se dizer que questões relacionadas à natureza, em sentido amplo, perpassam várias faixas deste novo álbum.

Serviço

Trupe Chá de Bol-do

Local: Comedoria Sesc Rio Preto |
Av. Francisco das C. Oliveira, 1333 -
Chacara Mun., São José do Rio
Preto - SP

Data: Quinta-feira, 7 de setembro

Horário: das 17h às 18h30

Foto: Divulgação





Foto: Reprodução

KARNAK

REDAÇÃO

Em 1992 acontecia a primeira apresentação da banda KARNAK em São Paulo e depois de 30 anos o grupo continua na ativa. A banda nasceu misturando ritmos, estilos musicais e teatralidade, algo muito diferente da cena musical no País dominada pelo rock dos anos 90. Para mostrar um

pouco da história, o grupo toca clássicos do seu repertório fazendo uma apresentação onde faz um apanhado das principais músicas.

Serviço

Data: 09/09/2023

Local: Blue Note São Paulo | Avenida

Paulista 2073 - 2º Andar - Consolação - São Paulo/SP

Horário: 20H00 e 22H30

Abertura da casa: 19h

Classificação etária: menores de 18 anos somente acompanhados dos pais ou tutores legais

Ingressos: eventim.com.br/

TATSUYA TANAKA

REDAÇÃO

A floração das cerejeiras, a marcante presença do Monte Fuji, os restaurantes de sushi em esteiras, a prática de artes manuais e marciais, além das tradicionais festividades japonesas são apenas algumas das cenas retratadas em miniaturas - sob o conceito 'mitate' - pelo fotógrafo japonês Tatsuya Tanaka, que estão em exibição na Japan House São Paulo entre os dias 16 de maio e 08

de outubro de 2023, com entrada gratuita.

Ao todo são 37 obras criadas a partir de elementos como conchas, alimentos como macarrão e sushi, itens de maquiagem, canudos, pregadores, leques, entre outros objetos do dia a dia japonês, que estão divididas em cinco grupos principais: estações do ano e seus eventos, cenas do Japão tradicio-

nal, cenas do Japão moderno, vida cotidiana e práticas tradicionais.

Na mostra inédita 'Japão em miniaturas - Tatsuya Tanaka', o público pode reconhecer cerdas de escovas que se tornam plantações de arroz, embalagens de soja fermentada japonesa, natto, que remetem à arquitetura de um importante castelo japonês, sushis enfileirados em esteiras que remetem a

Foto: Reprodução





Foto: Reprodução

trens e carros em trânsito e até canudos verdes que podem ser confundidos com um bambuzal a partir da mudança de perspectiva e escala.

O conceito 'mitate'

Internacionalmente conhecido pelo projeto 'Miniature Calendar' realizado em suas mídias sociais, Tanaka ilustra o conceito 'mitate' em todo seu trabalho, onde a arte em miniatura é fotografada com temática de bonecos de diorama e coisas do dia a dia.

Acredita-se que o 'mitate' esteja enraizado na cultura japonesa - que desde sempre conviveu em harmonia com a natureza - para compensar com a imaginação coisas faltantes ou vazias.

Esse senso estético ainda é presente na literatura, cerimônia do chá, jardinagem, entretenimentos do período Edo (Kabuki e Rakugo) e gastronomia.

"Nesses pequenos universos criados por ele, o que chama a atenção é sua percepção quase fantástica, que lembra a mais pura imaginação infantil sobre os objetos, renovando e reformulando seus significados a todo instante", explica a diretora cultural da Japan House São Paulo e curadora da exposição, Natasha Barzaghi Geenen.

Tanaka também faz questão de inserir na mostra o elemento que o fez iniciar a produção de miniaturas e suas fotografias, o brócolis, criando uma pequena floresta desse vegetal na obra

que recebe o visitante no espaço da JHSP: "o brócolis é o material que me inspirou a olhar os objetos e a pensar em outras possibilidades com eles. Quando digo que se parecem árvores, pessoas em todo o mundo podem se relacionar com essa ideia", comenta.

Trabalho inédito

A exposição ainda traz uma maquete inédita, elaborada a partir de conversas entre o artista e a JHSP, especialmente para esta mostra no Brasil. Os materiais principais escolhidos foram o arroz e o feijão:

"Ao ouvir sobre a feijoada, prato que se come com arroz, assim como o karê, comecei a pensar na possibilidade de

expressar a areia branca e o mar utilizando esse prato típico. Também soube que no Rio de Janeiro, à beira da praia, há calçadas com padrões de ondas feitas de pedras pretas e brancas. É isso que imagino quando penso no Brasil. O feijão preto e o arroz são alimentos familiares aos japoneses também, e penso que, apesar de estarem de lados opostos do mundo, Brasil e Japão possuem culturas com aspectos semelhantes”, avalia o fotógrafo.

Para valorizar ainda mais esses pequenos universos, a expografia aposta no minimalismo e nas diferentes perspectivas de observação, oferecendo ao público a oportunidade de enxergar algumas obras por meio de lupas, de pé ou sentado(a), obser-

vando todos os ângulos.

Sobre Tatsuya Tanaka

Nasceu em 1981 em Kumamoto, Japão, e formou-se na Escola de Educação da Universidade de Kagoshima. É fotógrafo e, desde 2011, realiza o projeto “Miniature Calendar” [calendário miniatura], no qual ele reimagina e ressignifica objetos do cotidiano, propondo cenas e imagens em miniatura. Desde então, diariamente, ele apresenta suas criações na internet.

Com obras inusitadas que unem elementos de surpresa e humor, o artista e fotógrafo de miniatura se conecta com o público tanto online quanto presencialmente, realizando exposições no Japão e internacionalmente. Seu Ins-

tagram possui mais de 3,7 milhões de seguidores e suas exposições que circulam pelo Japão e o mundo já foram vistas por mais de dois milhões de pessoas. Tanaka participou da Expo Dubai 2020 como criador do pavilhão japonês e é autor dos livros ‘MINIATURE LIFE’, ‘Small Wonders’, ‘MINIATURE TRIP IN JAPAN’, ‘Assemble and Resemble ‘KuMitate’ e ‘SUSHI came to buy clothes’.

Serviço

Período: até 8 de outubro de 2023

Horários: Terça a sexta-feira, das 10h às 18h. Sábados, das 9h às 19h. Domingos e feriados, das 9h às 18h

Entrada gratuita

Ingressos: agendamento.japan-housesp.com.br/agendamento

Foto: Reprodução



SHOW

MECANO

REDAÇÃO

A banda post-punk holandesa, fará suas últimas apresentações ao vivo, e teremos o prazer de pela primeira vez, tê-los em terras brasileiras.

Um clássico do porão do Madame e de inúmeros clubes alternativos pelo Brasil, a banda completa 45 anos de carreira e tocará seus clássicos no palco do

Foto: Diets Dijkstra

Madame em show único e exclusivo na América do Sul.

Serviço

MECANO (The Last Tour)

Quando: 9 de setembro

Horário: 18h às 23h

Onde: Madame Club | R. Conselheiro

Ramalho, 873 - Bela Vista, São Paulo - SP

Ingressos: waverecords.lojavirtual-nuvem.com.br/ingresso/

Pista VIP = ESGOTADO

Pista = R\$ 270,00 - últimos 45 ingressos

Valores antecipado/ meia entrada

* Porta = (valores pista R\$ 480)



Diets Dijkstra

IBIRAPUERA

REDAÇÃO

A Urbia, empresa que administra Parques Naturais e Urbanos, anuncia mais uma agenda dos espaços que faz gestão na cidade de São Paulo. A programação do Parque Ibirapuera será composta por: atividades realizadas pelo MAM, incluindo Busão das Artes; além de homenagens a Emanuel Araújo no Museu Afro Brasil e a exposição inédita no Brasil 'Pavilhão Ninja', no Pavilhão Japonês.

Confira todas as informações da programação abaixo:

Programação do Parque Ibirapuera:

Com funcionamento diário, das 5h às 0h, o Parque Ibirapuera conta com entrada gratuita e está localizado na Av. Pedro Álvares Cabral, s/nº, Vila Mariana, São Paulo, SP, 04094-050.

'Busão das Artes' no Parque Ibirapuera

Até o dia 7 de setembro, o Parque Ibirapuera recebe o 'Busão das Artes', projeto itinerante de ciências e meio ambiente que mostra como o mundo microscópico pode ser entendido e vivenciado por meio da arte contemporânea. Os frequentadores do Parque podem realizar a visita ao caminho de 15 metros, das 9h às 17h. Grupos

de escolas públicas e privadas devem agendar pelo WhatsApp (11) 97631-3773 ou pelo agendamento@busasodasartes.com.br. As visitas acontecem das 9h às 11h e das 15h às 17h. A entrada é gratuita. O veículo ficará estacionado no Portão 10 (próximo ao Museu Afro Brasil).

Planetário Ibirapuera

Todas as quartas-feiras, a programação do Planetário Ibirapuera traz uma 'Observação Solar', às 15h, e uma 'Observação Noturna', às 18h30, gratuitas com a utilização de telescópios, entre eles a presença de um modelo solar. O atrativo acontece na Rosa dos Ventos e os visitantes são recebidos por ordem de chegada. Vale ressaltar que caso as condições meteorológicas não estejam favoráveis, a observação pode ser cancelada.

As entradas para os espetáculos custam a partir de R\$15. Os ingressos para o Planetário Ibirapuera podem ser adquiridos no site do Planetário Urbia Pass ou presencialmente na bilheteria. Optando por comprar na bilheteria, o usuário fica sujeito ao número de ingressos disponíveis no momento da aquisição. O local abre sempre uma hora antes do início da primeira sessão

do dia e fecha no início da última sessão. É importante programar o passeio e chegar ao local com antecedência, pois não é permitida a entrada após o início da apresentação. A programação está sujeita a alterações sem prévios avisos.

Museu Afro Brasil

Até o dia 1.º de outubro, o MAB segue com a exposição 'Julhienses' do designer, Daniel Soto Araujo que comemora o Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia. A mostra celebra a força do povo nas marchas de 1823, com representações de personagens da Guerra da Independência como Maria Felipa, mulher negra baiana que liderou um grupo de homens e mulheres na luta contra as tropas portuguesas.

A mostra 'Bará' do artista Gustavo Nazareno também segue até o dia 1.º de outubro. As obras são desenhadas à carvão e integram o Programa de Exposições 2023 do MAB.

O Museu funciona de terça-feira a domingo, das 10h às 18h (entrada até 17h). O espaço tem entrada gratuita às quartas-feiras e, nos demais dias, os ingressos variam entre R\$15 (inteira) e R\$ 7,50 (meia-entrada). Para compra de

ingressos, basta acessar o site do Museu Afro Brasil.

Pavilhão Japonês

A exposição 'Pavilhão Ninja', inédita no Brasil, segue até o final de agosto, no Pavilhão Japonês. A mostra traz painéis, vídeos, vestimenta original, armas e equipamentos de ninjas, além de lojas com produtos temáticos. As peças originais são do Museu Ninja Iga Ryu, da província de Mie, no Japão. Ninja é um símbolo conhecido em todo o mundo e que desperta curiosidade. Informações pelo (11) 3208-1755 ou no Instagram | site do Pavilhão Japonês.

O Pavilhão Japonês fica localizado às margens do lago do Ibirapuera, próximo ao Planetário e ao Museu Afro Brasil, na Avenida Pedro Álvares Cabral, s/ n.º, portão 10. Funciona das 10h às 17h, de quinta a domingo e aos feriados. O ingresso custa R\$ 15 inteiro e R\$ 7 meio, válido de sexta a domingo, com entrada gratuita às quintas.

O Pavilhão Japonês é o local ideal para quem deseja aprender mais sobre a cultura japonesa. O edifício, que foi construído por meio de uma parceria entre o governo japonês e a comunidade nipo-brasileira, conta com um salão nobre e diversas salas anexas, um jardim repleto de plantas e árvores ornamentais, além de um lindo lago de carpas. Em seu Salão de Exposição é possível conferir peças, doadas pelo Japão, que retratam as belezas daquele país.

Para quem deseja saborear algumas das delícias da culinária japonesa, o Pavilhão dispõe de uma cafeteria estilo take away, o Na Na Ya, que serve opções variadas de pratos doces e salgados. O espaço tem ainda uma loja de souvenir, com temática japonesa, da Matsu

Store. O horário de funcionamento do Pavilhão é de quinta-feira a domingo, e aos feriados, das 10h às 17h. A entrada é gratuita às quintas-feiras. O valor do ingresso para adultos custa R\$ 15. Estudante com carteirinha, idosos a partir de 60 anos e crianças, de 5 a 12 anos de idade, pagam meia-entrada, cujo valor é de R\$ 7. Crianças com menos de 4 anos não pagam.

Centro de Visitantes

Para obter informações sobre a programação cultural do Ibirapuera, bem como as atividades esportivas e de lazer, basta comparecer ao Centro de Visitantes. Com horário de funcionamento das 8h às 18h, o espaço fica localizado no térreo da Escola Municipal de Astrofísica (EMA), no salão de exposições temporárias. O local conta com um time de monitores que auxiliam e orientam os visitantes sobre os principais pontos de visitaçao do parque.

Programação do Parque Horto Florestal:

Com entrada gratuita e funcionamento diário, das 5h30 às 18h, o Parque Estadual Alberto Löfgren - Horto Florestal conta com diversos eventos que compõem sua agenda de lazer. O Parque Horto Florestal fica localizado na Rua do Horto, 931. Para quem vai de carro e deseja estacionar no local, basta se direcionar para a Avenida José da Rocha Viana, 62.

Café da manhã no Palácio de Verão

A Urbia, em parceria com O Velhão, tradicional restaurante da região localizado na Serra da Cantareira, oferece aos visitantes o café da manhã no Palácio de Verão. Disponível aos finais de semana, das 8h às 13h, os visi-

tantes poderão saborear um café da manhã colonial com diversas opções que incluem bebidas, pães variados, bolos, dentre outros. O buffet é servido à vontade e o valor é de R\$59,90 por pessoa.

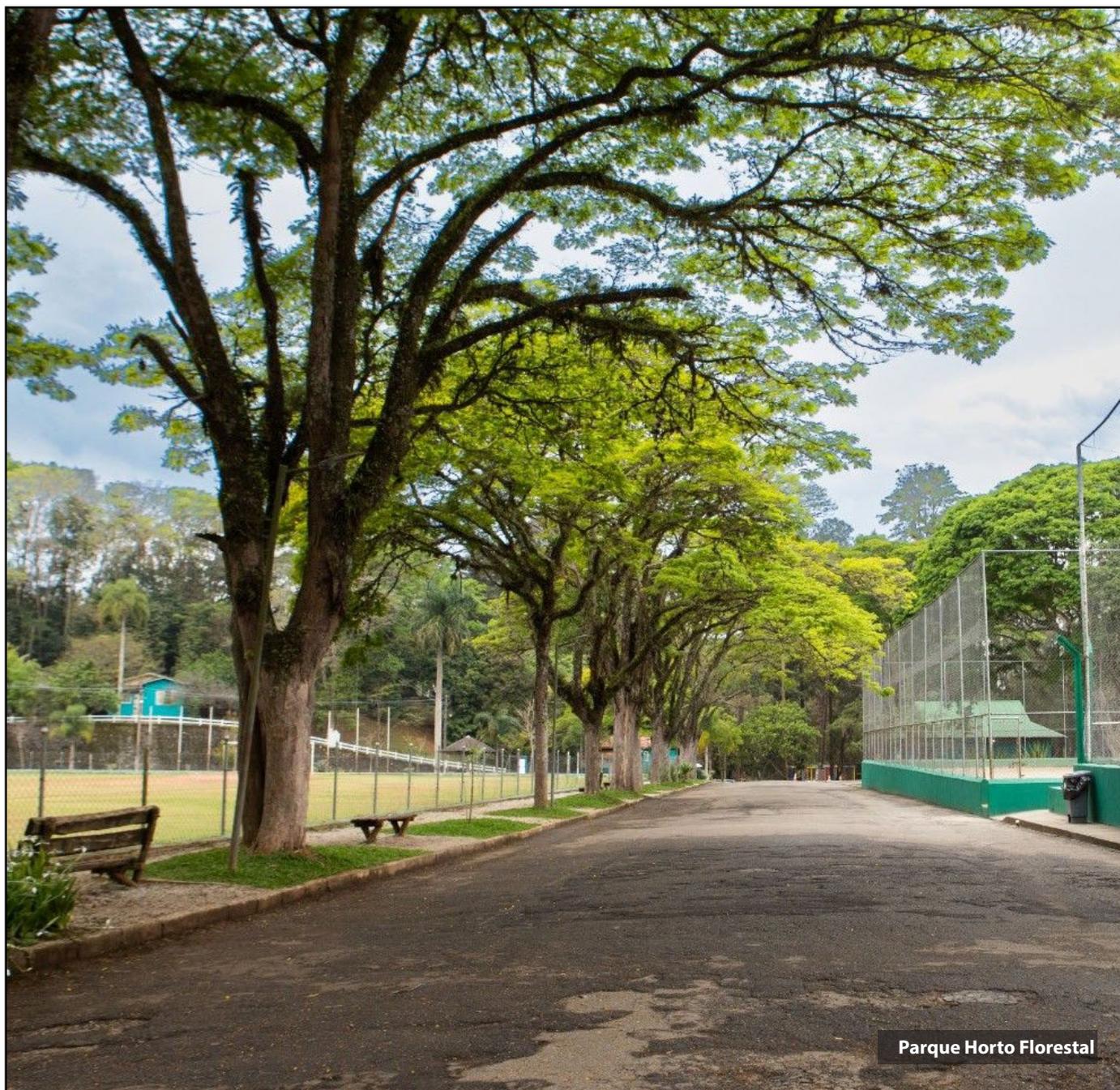
Parque Família

Para garantir a diversão da criançada, o Parque Horto Florestal ainda conta com o Parque Família, espaço repleto de brinquedos infláveis e diversas opções de lazer para os pequenos. Dentre as opções de brinquedos temos: Tobogã, Cama Elástica, Jump, Xícara, Carrossel de Carrinhos, Saloon, Chapéu Mexicano, Minhoca, Futebol e Kidplay. O espaço funciona aos sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h, e os ingressos podem ser adquiridos no ponto de venda do local pelos seguintes valores: R\$8 o ticket para um brinquedo, R\$50 por oito tickets e R\$80 pelo passaporte diário para uma criança brincar à vontade.

Museu Florestal Octávio Vecchi

Com funcionamento de sexta-feira a domingo, das 9h às 17h, o Museu Florestal Octávio Vecchi, idealizado por Octávio Vecchi e inaugurado em 1931, reúne parte da história da preservação ambiental do Estado de São Paulo. O prédio é composto por um acervo de madeiras dos mais diversos tipos: entalhadas, sementes, peças de xilografia, aquarelas, entre outras. Além disso, o local abriga um grande painel a óleo que ilustra a história de São Paulo, de autoria de Helios Seelinger; uma pintura mural de espécies nativas, realizada por Antonio Paim Vieira; vitrais executados pela Casa Conrado; e outras obras expostas.

As visitas são todas mediadas e as



Parque Horto Florestal

Foto: Divulgação

sessões são realizadas de hora em hora. Os ingressos custam R\$ 15 (inteira) ou R\$ 7,50 (meia) e podem ser adquiridos pelo UrbiaPass ou no Centro de Visitantes localizado no próprio Parque. Vale ressaltar que todas as sextas-feiras a entrada é gratuita e o ingresso deverá ser retirado no Centro de Visitantes do Parque, ao lado do campo.

Futebol no Horto

O Parque Horto Florestal ainda oferece a oportunidade de os visitan-

tes disputarem uma “partida” em suas quadras. Todas são de uso público e o futebol, especificamente, acontece nos seguintes dias e horários: das 8h às 11h e 14h às 17h, de segunda a quinta-feira. Importante lembrar que o acesso é gratuito e não tem necessidade de agendamento.

Treinamento Funcional no Horto

O Treinamento Funcional é uma forma de exercício físico que visa melhorar a capacidade funcional

do corpo para realizar atividades cotidianas de maneira mais eficiente e segura. No Horto Florestal, essa modalidade de treino pode ser praticada em áreas abertas. Além dos benefícios físicos, o treino proporciona também o contato com a natureza, o que contribui para a redução do estresse e para a melhora do bem-estar emocional. As aulas são gratuitas e ocorrem todas as terças-feiras e sábados, das 9h às 10h, na quadra de areia do Horto.

Aula de Zumba no Horto

As aulas de Zumba no Horto Florestal são uma ótima opção para quem busca uma atividade física divertida e animada. Com músicas latinas e movimentos energéticos, a Zumba é uma atividade que trabalha o corpo todo, melhorando a coordenação motora, o condicionamento físico e o humor. As aulas são ministradas por instrutores qualificados e acontecem ao ar livre, em meio à natureza exuberante do Horto Florestal. Com passos simples e coreografias animadas, as aulas são indicadas para pessoas de todas as idades e níveis de condicionamento físico. A zumba é realizada na Tenda e é oferecida nos seguintes dias e horários: sábados, das 10h30 às 12h30, e domingos, das 10h às 12h. A participação é gratuita e não necessita reserva de ingresso.

Urbiabike

O Parque Horto Florestal conta com o Urbiabike, serviço de aluguel de bicicletas desenvolvido pela Urbia. O espaço oferece aos visitantes bicicletas de tamanho aro 26 e triciclos tamanho infantil ou família, que poderão ser alugados ao lado do Portão de entrada do Horto Florestal. O atendimento é realizado todos os dias, das 8h às 16h.

O valor de locação das bicicletas e dos triciclos infantis é de R\$15,00 por hora e R\$ 7,50 a cada 30 minutos adicionais. Já o aluguel dos triciclos tamanho família custa R\$ 35,00 a hora e R\$17,50 por mais 30 minutos. As locações podem ser realizadas pessoalmente nas estações, com opções de pagamento em dinheiro ou cartão de crédito e débito.

Programação do Parque Estadual**da Cantareira:**

O Parque Estadual da Cantareira é dividido em três áreas de visitação nomeadas como Pedra Grande, Águas Claras e Engordador, e conta com diversas trilhas para quem gosta de se aventurar em meio à Mata Atlântica. Cada uma conta com um horário de funcionamento e tem endereços de entrada específicos. Para entrar no Parque é necessário realizar a compra do ingresso de R\$50 (inteira) ou R\$25 (meia) pelo site da UrbiaPass ou presencialmente.

Área de visitação 'Pedra Grande'

Com funcionamento de quarta-feira a domingo e feriados, das 8h às 17h (entrada permitida até às 16h), esta área de visitação foi a primeira a ser aberta ao público, em 1989. Seu grande destaque é a Pedra Grande, um afloramento rochoso de granito, mirante natural com aproximadamente 1.010 m de altitude, que possibilita a vista panorâmica de grande parte da cidade de São Paulo. O visitante pode conhecer o núcleo através de trilhas em meio a mata, conhecendo a floresta de diferentes ângulos. O espaço conta com a Trilha da Pedra Grande, recém-inaugurada pela Urbia, a Trilha da Bica, a Trilha do Bugio e a Trilha das Figueiras. O endereço para a área de visitação fica na Rua do Horto, 931, Horto Florestal - São Paulo/SP.

Área de visitação 'Águas Claras'

Aberta ao público em 2000, a área de visitação Águas Claras conta com diversos atrativos que levam a conhecer alguns dos recursos naturais de extrema importância para a Cantareira. O visitante pode se conectar com a Pedra Grande por meio de trilhas, tendo como seu principal atrativo o Lago das Carpas. O local conta com a Trilha das Águas, Trilha da Samambaiaçu e a Trilha da

Suçuarana. Sua portaria abre aos finais de semana e feriados, das 8h às 17h, e está localizada na Av. Sen. José Ermírio Moraes, s/n - Sítio Barrocada, Mairiporã/SP. Nos demais dias o acesso pode ser realizado pela Pedra Grande.

Área de visitação 'Engordador'

Aberto ao público em 1992, o Engordador está repleto de atrativos históricos e naturais que levam o visitante a uma viagem no tempo no que se refere ao abastecimento de água na cidade de São Paulo. Dois destes são: a Barragem do Engordador e a Casa da Bomba, datada de 1894, possuindo uma caldeira e duas bombas, uma a vapor de origem inglesa e a outra a diesel de origem alemã. Além disso, o núcleo também conta com trilhas para utilização dos visitantes, como a da Cachoeira, a do Macuco e a de Mountain Bike, para os ciclistas que gostam de aventuras em meio à floresta. O espaço funciona de quarta-feira a domingo e feriados, das 8h às 17h (entrada permitida até às 16h), e o endereço é Av. Cel. Sezefredo Fagundes, 19100 - Jardim Cachoeira, São Paulo.

Transporte para a Pedra Grande

O Parque Estadual da Cantareira também disponibiliza transporte interno com destino à Pedra Grande. O serviço é oferecido todos os dias de funcionamento do local, sendo de quarta-feira a domingo e feriados, das 9h às 16h.

Com embarque e desembarque a cada 30 minutos, no Portão 5 do Parque Horto Florestal, o ingresso do veículo custa R\$20. A aquisição pode ser na bilheteria do local, situada no próprio Portão 5, ou pelo site UrbiaPass. Crianças até três anos são isentas de pagamento.